

## As limitações do corpo feminino às intervenções estéticas e a concepção de pecado para um dos segmentos mais radicais do pentecostalismo

*The limitations of the female body to aesthetic interventions and the conception of sin for one of the most radical segments of Pentecostalism*

*Karina Aparecida Barcelos Teixeira<sup>1</sup>*

**Resumo:** No mundo atual ocidental, com relação às mulheres, há uma cobrança quanto ao “corpo perfeito”, cobrança esta induzida pelo capitalismo que incentiva cada vez mais a prática do consumismo “desenfreado”, reduzindo o corpo humano a apenas um objeto. Por outro lado, com relação algumas religiões cristãs mais tradicionais, há o entendimento de que a intervenção do corpo feminino às intervenções estéticas contribui para um cultivo do prazer próprio que leva ao pecado, causando “promiscuidade ou uma vulgarização do visual naquelas que beatificam a luxúria”. Nesse contexto, trata-se o presente artigo científico de uma Revisão de Literatura, cujo objetivo principal é apresentar o posicionamento contemporâneo da religião cristã pentecostal, representada pela Igreja Assembleia de Deus, acerca da exposição do corpo feminino às intervenções estéticas. Definiu-se a pesquisa como exploratória, segundo os objetivos; bibliográfica, quanto aos procedimentos; e descritivo de cunho qualitativo, no que tange à abordagem do problema.

**Palavras-chave:** Corpo Feminino, Estética, Religião, Pentecostal.

---

Artigo recebido em: 20 abr. 2017

Aprovado em: 16 out. 2017

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências das Religiões – Mestrado Profissional – pela Faculdade Unida de Vitória. Pós graduada em Acupuntura pela Faculdade Governador Ozanam Coelho - FAGOC. Fisioterapeuta, Especialista em Medicina Física e Reabilitação, graduada pela Universidade Castelo Branco. [konfisio@gmail.com](mailto:konfisio@gmail.com)

**Abstract:** In the Western world today, with respect to women, there is a charge on the "perfect body", this collection induced by capitalism that increasingly encourages the practice of consumerism "rampant", reducing the human body just an object. On the other hand, regarding some more traditional Christian religions, there is the understanding that the action of the female body to aesthetic interventions contributes to the cultivation of own pleasure that leads to sin, causing "promiscuity or vulgarization of visual those who beatificam lust ". In this context, it is this scientific article in a literature review, whose main objective is to present the contemporary positioning of the Pentecostal Christian religion, represented by the Church Assembly of God, about the female body exposure to cosmetic interventions. Exploratory research as it was defined, according to the objectives; literature, regarding the procedures; and descriptive qualitative approach, regarding the problem of approach.

**Keywords:** Female Body, Aesthetics, Religion, Pentecostal.

## Introdução

No cenário atual, em que há o predomínio da exigência de um corpo perfeito, as mulheres para estar em comunhão com a sociedade, que cada vez mais dita o padrão de beleza, vivenciam um ritmo frenético e de submissão na busca de alcançar tal objetivo.<sup>2</sup>

Cabe evidenciar que os questionamentos quanto o culto ao corpo, quanto à crescente glorificação e exibição do corpo perfeito nasceu especialmente nos grandes centros urbanos do mundo ocidental. Essa visão na verdade é típica da cultura ocidental contemporânea, que em razão do capitalismo e da prática do consumismo desenfreado reduziu o corpo humano a um objeto e matéria-prima, dando-lhe um valor monetário, "(...) sobrepujando, em muitos contextos, o seu valor moral. O corpo tornou-se um servo do próprio homem"<sup>3</sup>.

Essa glorificação ao corpo perfeito decorre também, e principalmente, da influência da mídia na subjetividade e nas percepções femininas em relação ao seu corpo. A respeito disso, apresenta-se a seguir a seguinte citação:

A mídia propaga incessantemente imagens de mulheres que são consideradas modelos de perfeição física, corporal e de beleza. Estas são predominantemente loiras, magras com corpos malhados, seios e nádegas volumosos, cabelos longos, lisos e bem tratados, com rostos

---

<sup>2</sup> SOUZA, 2007, p. 38.

<sup>3</sup> MARQUES, 2012.

maquiados, pele sedosa e para completar o visual, acessórios como brincos, colares, pulseiras, relógios, bolsas e sapatos. Desta forma, os meios de comunicação divulgam através dessas mulheres o que a sociedade deve considerar como sendo o belo.<sup>4</sup>

Importa mencionar que a cultura inscreve-se no corpo a fim de modelá-lo e socializá-lo, com base em suas regras e suas normas, onde o corpo ideal é uma instância simbólica que envolve e insere todos os indivíduos de uma sociedade nas redes de significações, práticas e crenças.<sup>5</sup>

Numa perspectiva histórica, o corpo religioso cristão era entendido como um corpo sacralizado, e em algumas religiões ainda é, conforme citação a seguir:

Na Idade Média do ocidente europeu, com a influência da Igreja Católica, as teias simbólicas sobre o corpo indicavam a tendência de concebê-lo como algo pecaminoso, desvalorizado, profano. Evidenciava-se a separação entre corpo e alma, prevalecendo a supremacia da segunda sobre o primeiro. O bem da alma estava acima dos desejos e prazeres da carne. Imaginava-se o corpo culpado, perverso, necessitado de purificação, o que incentivava indivíduos a submetê-lo a autoflagelações, apedrejamentos e execuções em praça pública. (...) o corpo poderia ser também encarado como uma fonte de salvação da alma, assumindo, então, outra função. (...) nesse período histórico, passa a ser, ao mesmo tempo, tanto responsável pelo pecado, como responsável pela redenção.<sup>6</sup>

No que se refere ao corpo feminino, Fonseca e Farias, ao citarem Michelle Perrot, mencionam que a relação entre esse corpo com a religião é paradoxal, pois as religiões tendem a representar, “ao mesmo tempo, poder sobre as mulheres e poder das mulheres”<sup>7</sup>. Ou seja, o poder sobre as mulheres como fundamento comum à maioria das religiões monoteístas, em que a representação feminina é de submissão. Em contrapartida, a religião apresenta-se como

---

<sup>4</sup> FLOR, 2011, p. 79

<sup>5</sup> PARISOLI, 2004.

<sup>6</sup> MAROUN, 2008.

<sup>7</sup> FONSECA, 2010, p. 7.

poder das mulheres, a partir do momento que há a ruptura da sua submissão e, a partir daí, essas mulheres passam a usufruir daquilo que a “religião lhes reserva, na base de um ‘contra-poder’ e de uma ‘sociabilidade’. Dessa maneira, a religião ainda que reforce a submissão das mulheres apresenta-se como um abrigo às suas misérias”<sup>8</sup>.

Por oportuno, cabe mencionar que para Pierre Bourdieu a submissão da mulher ao longo da história é marcada por três instâncias principais: a Família, a Igreja e a Escola. Com relação à Igreja, deve a questão do antifeminismo profundo, decorrente da prática condenatória do clero a todas as faltas femininas à decência, por exemplo, em razão dos trajes, reproduzindo, assim, uma visão pessimista das mulheres e da feminilidade. Submissão ainda reforçada pela “moral familiarista, dominada por valores patriarcais e, principalmente, pelo dogma da inata inferioridade das mulheres”<sup>9</sup>

Registra-se que algumas religiões cristãs ocidentais, que potencializam a submissão das mulheres aos valores regidos pela fé, impedem que as mesmas realizem quaisquer técnicas ou procedimentos estéticos, tendo em vista que,

(...) o corpo mostrado socialmente é esculpido à luz das disciplinas cristãs, e para as devotas seria uma afronta alterar algo de tamanha representatividade divina. A função terrena do corpo físico é fazer as boas ações, e este não deve se prestar ao exibicionismo.<sup>10</sup>

Num contexto dogmático, essas religiões ressaltam que o culto excessivo ao corpo e à imagem, muitas vezes modificados pelas mais variadas técnicas estéticas, contribui para um cultivo do prazer próprio que leva ao pecado, causando “promiscuidade ou uma vulgarização do visual naquelas que beatificam a luxúria”<sup>11</sup>.

Para Mary Del Priore, vivemos atualmente num contexto em que, apesar das mulheres terem tomado posse do controle do seu corpo, no que tange à escolha do momento de gerar e conceber um filho, elas ainda repetem os grandes modelos tradicionais elencados na história, pois: “ela continua submissa (...) não mais às múltiplas gestações, mas à tríade de ‘perfeição física’”<sup>12</sup>.

---

<sup>8</sup> FONSECA, 2010, p. 7.

<sup>9</sup> FONSECA, 2010, p. 7.

<sup>10</sup> CEZAR, 2010.

<sup>11</sup> CEZAR, 2010, p. 99.

<sup>12</sup> DEL PRIORE, 2014.

Não que a fé não seja algo importante, ela ainda é, entretanto vem sendo compensada paulatinamente por uma sociedade do capital, em que “o consumo afeta o corpo feminino através do aumento do apelo estético, que tende a cada vez mais erotizar o corpo”<sup>13</sup>.

Mediante o exposto questiona-se: sob quais argumentos o segmento religioso cristão pentecostal intervém na vida das mulheres religiosas impedindo-as de aderir às técnicas e procedimentos estéticos atuais?

Trata-se o presente artigo de um estudo descritivo com abordagem qualitativa, em que serão utilizadas fontes bibliográficas constituídas, principalmente, de publicações como: monografias, dissertações, artigos nacionais e internacionais, artigos publicados em anais de congressos, publicações periódicas, documentos disponíveis portais, como: Biblioteca Digital de Teses e Dissertações, Portal de Periódicos CAPES, Google Acadêmico, Google Books e livros de leitura corrente e de referência, cujo o objetivo geral é apresentar o posicionamento da Igreja Assembleia de Deus, fundamentada na religião cristã pentecostal, acerca da exposição do corpo feminino às intervenções estéticas.

A fim de consubstanciar a temática proposta, o estudo foi elaborado em tópicos, inicialmente serão apresentadas considerações sobre o corpo humano no contexto dualista de Platão; em seguida, serão feitas considerações acerca do corpo feminino no contexto religioso; por fim será realizada uma abordagem sobre a religião pentecostal cristã, representada pela Igreja Assembleia de Deus, e o seu ideal de mulher cristã não submissa às intervenções estéticas.

## **O corpo humano sob a visão dualista de Platão**

Goellner, Guimarães e Macedo, em seus estudos, questionaram o que seria, afinal, o corpo? Temos ou somos um corpo? O corpo pode ser considerado apenas um conjunto de ossos, músculos, vísceras, hormônios, líquidos, pele, órgãos, etc.? <sup>14</sup> Segundo os autores, o corpo é materialidade biológica, porém está associado à forma de gesticular, às expressões específicas de cada pessoa, incluindo ainda a indumentária e os acessórios que o adorna,

---

<sup>13</sup> RIGONI, 2008, p. 209.

<sup>14</sup> GOELLNER, 2011, p. 15-16.

(...) os medicamentos que consome, as doenças que apresenta, os prazeres que vivencia, enfim, não há como falar de corpo sem falar de nossa subjetividade, daquilo que somos ou que gostaríamos de ser. (...) Essa maneira de olhar para o corpo implica entendê-lo não apenas como um dado natural e biológico, mas, sobretudo, como produto de um intrínseco interrelacionamento entre *natureza* e *cultura*. Em outras palavras: o *corpo* resulta de uma construção cultural sobre a qual são conferidas diferentes marcas em diferentes tempos, espaços, conjunturas econômicas, grupos sociais, étnicos, geracionais, entre outros.<sup>15</sup>

Numa reflexão sobre o significado do corpo humano sob os mais variados aspectos, ou seja, quanto as várias abordagens que remetem o pensar nele, no contexto ontológico e epistemológico, principalmente quanto às práticas sociais na contemporaneidade. Uma delas, refere-se à teoria de Dualidade de Platão (figura 1). Apesar da visão do corpo ganhar nos dias de hoje nova conotação, é importante demonstrar que essa “nova” concepção, ou concepções, decorre de diversas epistemologias vigentes. Nesse sentido, devido à sociedade em diversos aspectos ter mudado ao longo da história, a questão do entendimento quanto ao significado do corpo também sofreu mudanças.

Com relação ao mundo ocidental, a concepção de corpo vem do Cristianismo, das tradições greco-romanas, sustentado no modelo cristão que “propõe um princípio dualista, pois ele representa, de um lado, a aproximação do divino e, por outro, a aproximação da matéria do pecado. A carne é pesada e o espírito, leve”<sup>16</sup>.

---

<sup>15</sup> GOELLNER, 2011, p. 15-16.

<sup>16</sup> RODRIGUES, 2013.



**Figura 1** – O Dualismo de Platão<sup>17</sup>

Historicamente, desde a Grécia Antiga, o corpo é um tema bastante discutido, sendo abordado pelos filósofos Sócrates (470 a 399 a.C.), Platão (427 a 347) e Aristóteles (384 a 322 a.C.).

Segundo Casimiro e Galdino, o homem era visto por Sócrates de uma forma integral, em que tanto o corpo quanto a alma eram julgados importantes no processo de interação dele com o mundo externo. Entretanto, a visão do homem de Sócrates era diferente comparada à visão de Platão,

(...) que possuía uma visão mais dicotômica, na qual o corpo servia de prisão para a alma. As ideias de Aristóteles aproximavam-se mais das ideias de Sócrates do que das de Platão, pois partia do princípio de que, as ações humanas eram executadas em conjunto, corpo e alma, todas num processo contínuo de realização.<sup>18</sup>

Registra-se que para Platão, “(...) Todos os nossos sentidos estão ligados a este corpo e, conseqüentemente, não são

<sup>17</sup> O Dualismo de Platão. Fonte: <http://image.slidesharecdn.com/h1-aula05-140928180953-phpapp02/95/h1-aula-05-14-638.jpg?cb=1411928121>

<sup>18</sup> CASSIMIRO, 2012.

inteiramente confiáveis. Mas também possuímos uma alma imortal, que é a morada da razão. E justamente porque a alma não é material, ela pode ter acesso ao mundo das ideias”<sup>19</sup>.

Cabe ressaltar que ao pensar em dualidade, pensa-se em corpo e alma, o que remete à problemática central deste artigo. Aliás, a figura do *Mito da Caverna* de Platão (figura 2) apresenta-se também como uma abordagem de extrema relevância para este estudo, a partir da seguinte abordagem:

No seu mito da caverna, ele nos conta a história de prisioneiros acorrentados no interior de uma caverna, olhando para uma de suas paredes. Tudo o que podiam ver e ouvir eram as sombras, projetadas nessa parede, de objetos carregados por aqueles que passavam às suas costas, à frente de uma grande fogueira, e os ecos dos ruídos que produziam. Tendo permanecido na caverna por toda a vida, esses prisioneiros tomavam as sombras pelos objetos reais, pela própria realidade. Ao conseguir livrar-se dos grilhões, sair da caverna e ver o mundo lá fora, um deles percebe a grande ilusão a que ele e seus companheiros estavam submetidos.<sup>20</sup>

É nesse contexto que se pode pensar a intervenção da igreja como o irreal, partindo do princípio que a mulher religiosa e fiel ao conhecer o outro extremo, ou seja o fora da caverna, amplia seus horizontes e entende que há algo além de sombras. A mulher começa a repensar a afirmativa dos preceitos da religião (numa denominação mais radical) que considera que a “ vaidade feminina não está muito distante do universo da prostituição”<sup>21</sup>.

Para Gaarder,

(...) a maioria das pessoas está satisfeita com sua vida em meio a esses reflexos sombreados. Elas acreditam que as sombras são tudo o que existe, e por isso não as veem como sombras. Com isto, esquecem-se também da imortalidade de suas almas.<sup>22</sup>

---

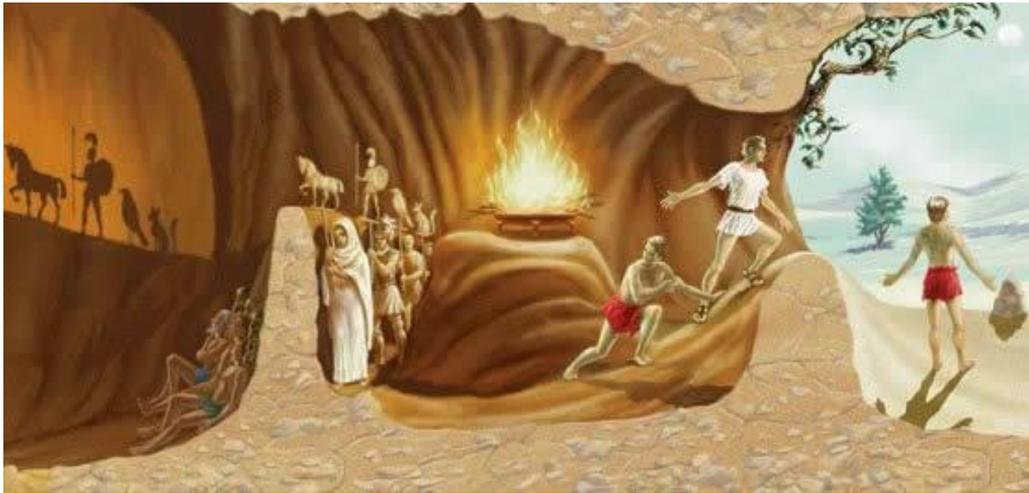
<sup>19</sup> GAARDER, 1996.

<sup>20</sup> BALDO, 2003, p. 11.

<sup>21</sup> CEZAR, 2010.

<sup>22</sup> GAARDER, 1996, p. 104.

A linguagem nesse contexto de imposições por uma fé repressora vai ser essencial para a compreensão e análise dos argumentos concretos e não criados por uma doutrina.



**Figura 2** - O Mito da Caverna<sup>23</sup>

Quanto às crenças, a religião, seja ela qual for, apresenta-se como fenômeno sociológico e histórico, além de ser também um fenômeno pessoal, pois está atrelado ao espírito humano, com grande relevância para a humanidade, tendo em vista ser uma antiga expressão cultural, “capaz de influenciar a estrutura da personalidade. Deste modo, é impossível ignorá-la ou diminuir a condição de determinante cultural que assume, inclusive nas organizações”<sup>24</sup>.

## **O corpo feminino no contexto religioso**

Segundo Ana Carolina Rigoni, alguns discursos religiosos mencionam que o corpo e a alma apresentam-se como uma coisa só, sob o argumento de que não se pode fazer algo com o corpo sem que a alma seja atingida. Aliás, esses mesmo discursos religiosos mencionam que tanto as coisas, como os acontecimentos atingem os

---

<sup>23</sup> O Mito da Caverna. Fonte: <http://panaceiateoreferente.blogspot.com.br/2014/05/metafisica-antropologia-e-epistemologia.html>

<sup>24</sup> RODRIGUES, 2012.

corpos masculino e feminino de forma diferenciada. A respeito disso, conforme citação a seguir,

Normalmente o corpo da mulher é considerado mais vulnerável aos pecados e tentações. Não são poucos os textos que apontam para a inferioridade feminina na história de nossa sociedade. Algumas das explicações para estas duas colocações parece estar vinculada a religião, que é desde os primórdios um dos símbolos mais fortes presentes na vida humana. A religião aponta e fortalece as diferenças entre o homem e a mulher, assim como a superioridade do primeiro na criação divina.<sup>25</sup>

Considerando as lições de Denise Sant'Anna, a supracitada autora ressalta que “o corpo é território tanto biológico quanto simbólico, e talvez seja o mais belo traço da memória da vida”<sup>26</sup>. Especificamente quanto ao corpo feminino, historicamente ele vem construindo diferentes significações, a partir da experiência das mulheres com o seu próprio corpo, conforme colocações de Marilene Cabello Di Flora baseada nos discursos de Pierre Bourdieu. De acordo com a autora,

Diante da dominação masculina, as mulheres – constituídas como objetos simbólicos – se apresentam em estado de insegurança corporal, pois existem primeiro para os outros, sobretudo os homens, ou seja, existem apenas enquanto objetos, cuja tarefa é estar disponível, ser receptiva e atraente.<sup>27</sup>

Em 1992, Naomi Wolf publicou o livro *O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contras as mulheres*, em que foram evidenciadas as conquistas das mulheres na década de 80, tanto em termos legais como profissionais. Em contrapartida, na mesma época, também houve um aumento dos distúrbios relacionados à alimentação, das cirurgias plásticas, da exposição excessiva do corpo, da pornografia, além da "necessidade artificialmente provocada de corresponder a um modelo idealizado

---

<sup>25</sup> RIGONI, 2008, p. 204.

<sup>26</sup> RIGONI, 2008, p. 204.

<sup>27</sup> DI FLORA, 2010.

de mulher, em que a velhice e a obesidade, mais do que pecados, são motivos para a estigmatização"<sup>28</sup>.

Desde o nascimento, as mulheres são submetidas a um rigoroso treinamento para o desempenho da missão à qual foram predestinadas. As meninas são vestidas de “cor-de-rosa”, furam suas orelhas e lhe colocam brincos, sendo adornadas com laços, rendas e fitas. Afinal, têm de ser belas e sedutoras e, além, disso, meigas, castas e recatadas.<sup>29</sup>

Enfim, a mulher, desde o nascimento, se vê envolvida por diversas questões que lhe impõe uma exigência de estética e beleza, exigência esta que perdura até a fase adulta. Por isso, que entende-se como inegável que o corpo humano constitui uma entidade biológica, encontrando-se submetido a certas imposições elementares da natureza, situando a todos a uma mesma condição. Além disso, “o corpo é o objeto de domesticação exercida pela cultura, sendo por ela apropriado e modelado”<sup>30</sup>.

Com relação à religião, quando o assunto refere-se à beleza feminina e aos tratamentos estéticos, ela tende a perder seu poder. De fato, isso porque numa sociedade que cada vez mais valoriza a estética do corpo perfeito, muitas vezes os princípios religiosos são deixados de lado, pois esses apresentam comumente um discurso que ressalta que a “verdadeira beleza é aquela dada por Deus”<sup>31</sup>. Entretanto, conforme lições de Del Priore, as mulheres não temem mais “o fogo do inferno e sim a balança e o espelho. Mudam-se os dispositivos de poder e a Igreja deve se adequar aos novos discursos. E agora o discurso não vem mais falar da salvação da alma e sim da beleza do corpo”<sup>32</sup>.

## **A igreja Assembleia de Deus e suas limitações quanto às intervenções estéticas no corpo feminino**

Segundo Elaine Rizzuti, a religião cristã pentecostal é caracteriza pela manifestação do Espírito Santo e do Sagrado, considerados “sinais distintivos”, a partir da expressividade corporal

---

<sup>28</sup> WOLF, 1992.

<sup>29</sup> DINIZ, 1998, p. 12.

<sup>30</sup> QUEIROZ, 2000, p. 19.

<sup>31</sup> RIGONI, 2008, p. 207.

<sup>32</sup> DEL PRIORE, 2014.

das pessoas que cantam, dançam e louvam a Deus durante os cultos, em que a principal marca é alegria dos fiéis.<sup>33</sup>

No Brasil, o pentecostalismo apresenta-se em três grupos distintos que surgiram em três épocas diferentes, ou como coloca Ricardo Mariano, em três ondas de implantação de igrejas:

A primeira onda é a década de 1910, com a chegada da Congregação Cristã (1910) e da Assembléia de Deus (1911). A segunda onda pentecostal é dos anos 50 e início de 60, na qual o campo pentecostal se fragmenta, a relação com a sociedade se dinamiza e três grandes grupos (em meio a dezenas de menores) surgem: Quadrangular (1951), Brasil para Cristo (1955) e Deus é Amor (1962). O contexto dessa pulverização é paulista. A terceira onda começa no final dos anos 70 e ganha força nos anos 80. Seus principais representantes são a Igreja Universal do Reino de Deus (1977) e a Igreja Internacional da Graça de Deus (1980). O contexto é fundamentalmente carioca.<sup>34</sup>

Importa ressaltar que nunca houve homogeneidade no pentecostalismo, sempre havendo conflitos internos desde o seu início, contudo, as maiores desavenças sempre ocorrerem no contexto comportamental e não teológico, e é justamente no comportamental que é definida a identidade pentecostal da igreja.<sup>35</sup>

A religião pentecostal (numa denominação mais radical) considera que a vaidade da mulher / feminina “não está muito distante do universo da prostituição. Entretanto, faz-se necessário, primeiramente, compreender e confrontar os significados da mesma palavra nas duas visões: aos olhos devocionais e aos dos descrentes”<sup>36</sup>.

De acordo com a Marina Seibert Cezar, a referida religião não condena a vaidade sob o entendimento da higiene e da saúde e das práticas imprescindíveis ao bem-estar das mulheres; em contrapartida, numa visão dogmática, condena “as superficialidades expressas em alterações da imagem pessoal por meio de técnicas estéticas que acabam chamando a atenção, em especial dos homens”<sup>37</sup>.

---

<sup>33</sup> RIZZUTI, 2011.

<sup>34</sup> MARIANO, 1999, p. 24.

<sup>35</sup> MARIANO, 1999, p. 24.

<sup>36</sup> CEZAR, 2010, p. 99.

<sup>37</sup> CEZAR, 2010, p. 99.

De acordo com a 22<sup>a</sup> Convenção Geral das Assembleias de Deus no Brasil<sup>38</sup> foram deliberadas, dentre outras questões, acerca dos Usos e Costumes, por meio de votação unânime e dos delegados das Igrejas da mesma fé e ordem no Brasil<sup>39</sup>, as seguintes proibições dos seus servos:

1. Uso de cabelos crescidos, pelos membros do sexo masculino;
2. Uso de traje masculino, por parte dos membros ou congregados do sexo feminino;
3. Uso de pinturas nos olhos, unhas e outros órgãos da face;
4. Corte de cabelos, por parte das irmãs (membros ou congregados);
5. Sobrancelhas alteradas;
6. Uso de mini-saias e outras roupas contrárias ao bom testemunho da vida cristã;
7. Uso de aparelhos de televisão – convindo abster-se, tendo em vista a má qualidade da maioria dos seus programas; abstenção essa que justifica, inclusive, por conduzir a eventuais problemas de saúde;
8. Uso de bebidas alcoólicas.<sup>40</sup>

No cerne da doutrinação assembleiana, o corpo tem um significado de santidade, pois ele, o corpo, pertence a Deus, dessa forma, deve permanecer distante dos perigos existentes do mundo, a fim de preservá-lo para que não possa ser corrompido. Por isso, é que é necessária a imposição das limitações, a fim de que “a matéria pecadora alcance santidade com o espírito, e uma das principais maneiras de alcançar esse objetivo seria através do controle sexual”<sup>41</sup>.

Em 1999, a discriminação dos Usos e Costumes das Igrejas Assembleias de Deus no Brasil teve uma reformulação, por meio de

---

<sup>38</sup> No dia 22 de janeiro de 1975 o secretário Geziel Nunes Gomes leu, a pedido do pastor presidente da Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil, Túlio de Barros Almeida, uma resolução com propostas de normas de “usos e costumes” das Assembléias de Deus no Brasil. O palco desta resolução foi o encontro realizado na cidade de Santo André, entre os dias 20 e 24 de janeiro, daí o nome pelo qual ficou conhecido esse documento histórico para a igreja: Resolução de Santo André.

<sup>39</sup> FONSECA, 2009, p. 12.

<sup>40</sup> RODRIGUES, 2012.

<sup>41</sup> OLIVEIRA, 2013, p. 103.

uma resolução, denominada Resolução ELAD, apresentada no 5º Encontro dos Líderes das Assembleias de Deus (ELAD), representando um feito inédito quanto à “condução de uma das principais marcas identitárias do cristão assembleiano: as normas de usos e costumes”. Após o referido evento, os usos e costumes das Igrejas Assembleia de Deus omitiram a expressão ‘como doutrina’, determinando o seguinte enunciado: “sadios princípios estabelecidos na Palavra de Deus – a Bíblia Sagrada – e conservados como costumes desde o início desta Obra no Brasil”<sup>42</sup>. Os oito princípios da Resolução anterior, a de Santo André, de forma atualizada passou a ter a seguinte linguagem, no que se refere às proibições dos seus servos:

1. Ter os homens cabelos crescidos, bem como fazer cortes extravagantes;
2. As mulheres usarem roupas que são peculiares aos homens e vestimentas indecentes e indecorosas, ou sem modéstias;
3. Uso exagerado de pintura e maquiagem - unhas, tatuagens e cabelos;
4. Uso de cabelos curtos em detrimento da recomendação bíblica;
5. Mau uso dos meios de comunicação: televisão, Internet, rádio, telefone;
6. Uso de bebidas alcoólicas e embriagantes.<sup>43</sup>

Ao comparar os princípios elencado na primeira versão do estatuto com a nova Resolução ELAD, pode-se observar que alguns costumes foram mantidos, mudando apenas alguns termos no estatuto.

Com relação às mulheres, as proibições foram ‘abrandadas’, apesar de enfatizar a questão do “trajar refletindo decoro, decência, e o não uso de trajes masculinos”<sup>44</sup> continua sendo cobrado. No entanto, houve extinção quanto à proibição da alteração das sobancelhas, assim como, permissão, de forma moderada, do uso de maquiagens e pinturas por parte das mulheres.

Outro ponto que merece ser comentado é quanto ao abrandamento doutrinário da referida religião acerca da permissão do corte de cabelo pelas mulheres, desde que não seja curto, a fim de assemelhar-se aos cortes masculinos. Restou claro, a partir das

---

<sup>42</sup> OLIVEIRA, 2013, p. 12.

<sup>43</sup> OLIVEIRA, 2013, p. 12.

<sup>44</sup> OLIVEIRA, 2013, p. 12.

modificações estabelecidas pela Resolução ELAD, o significativo avanço com relação à situação das mulheres dentro da instituição.<sup>45</sup>

Especificamente quanto à questão relacionada ao uso exagerado de pintura e maquiagem — unhas, tatuagens e cabelos, antes de tudo é preciso mencionar que tanto a pintura, bem como, a maquiagem são costumes femininos que decorrem de milhares de anos. A respeito disso, conforme a citação a seguir:

Entre os objetos encontrados nas escavações arqueológicas existem muitos potinhos e apetrechos para pintar o rosto feitos de osso, marfim ou metal, assim como espátulas para espalhar cosméticos. Esta era uma prática antiga: mesmo antes de Abraão ter chegado à Palestina, as mulheres de Creta e do Egito já estavam tão familiarizadas com a maquiagem para os olhos, rosto e lábios quanto as parisienses de hoje.<sup>46</sup>

Enfim, é preciso deixar claro, bem como ressaltar que, cada religião tem seus dogmas e, em razão disso, estabelece, nos estatutos e regimentos, de forma específica, seus costumes, crenças, comportamentos e condutas, a fim de que sejam cumpridas por seus servos e fieis. Aliás, há vários registros quanto à trajetória das religiões no que se refere aos usos do corpo, “tornando visíveis gestos e comportamentos tipicamente religiosos (...)”. Ou seja, “(...) cada religião ensina a seus membros quais são as formas mais adequadas de utilizar o corpo para que ele não ‘caia em tentação’ e não ‘cometa pecados’”<sup>47</sup>.

### **Considerações finais**

O presente artigo propôs uma pesquisa, a partir de uma Revisão de Literatura, a fim de responder a seguinte pergunta relacionada ao tema central: sob quais argumentos o segmento religioso cristão pentecostal intervém na vida das mulheres religiosas impedindo-as de aderir às técnicas e procedimentos estéticos atuais?

---

<sup>45</sup> OLIVEIRA, 2013, p. 13.

<sup>46</sup> COROBIM, 2008, p. 25.

<sup>47</sup> RIGONI, 2013, p. 228.

Com base na pergunta central foram definidos os objetivos desse trabalho, sendo o objetivo geral, apresentar o posicionamento da Igreja Assembleia de Deus, fundamentada na religião cristã pentecostal, acerca da exposição do corpo feminino às estéticas.

No decorrer do artigo ficou demonstrado que, em determinados contextos, para a Igreja Assembleia de Deus a intervenção humana no corpo vai de encontro aos fundamentos doutrinários da mesma, apesar da atenuação de algumas limitações anteriores estabelecidas em seu regimento. Aliás, o argumento da referida religião pentecostal é de que algumas condutas de intervenção estética vão contra os desígnios divinos.

No entanto, diante das várias situações inovadoras no cenário interno destas igrejas, antes inimagináveis, como, por exemplo, a atuação de mulheres pastoras, é possível que aja cada vez adaptação do referido segmento religioso à transformação e ao cotidiano das mulheres, suplantando, assim, as limitações ainda existentes. E, conseqüentemente, minimizando o êxodo das mesmas dos bancos cristãos.

Todavia, menos sempre é mais; e no caso das intervenções estéticas, o cuidado com o corpo é sempre válido, porém, sem exageros.

## Referências

BALDO, Marcus Vinícius C; HADDAD, Hamilton. Ilusões: o olho mágico da percepção. *Rev. Bras. Psiquiatr.* São Paulo, v. 25, supl. 2, p. 6-11, Dec. 2003, p. 11. Disponível em <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1516-44462003000600003&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-44462003000600003&lng=en&nrm=iso)> Acesso em 21 julho de 2016.

CASSIMIRO, Érica Silva; GALDINO, Francisco Flávio Sales. As Concepções de Corpo Construídas ao longo da História Ocidental: da Grécia Antiga à contemporaneidade. *Μετάνοια*, São João del-Rei/MG, n.14, 2012. Disponível em <[http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/4\\_GERALDO\\_CONFERIDO.pdf](http://www.ufsj.edu.br/portal2-repositorio/File/revistalable/4_GERALDO_CONFERIDO.pdf)> Acesso em 01 setembro de 2016.

CEZAR, Marina Seibert. *A estética como comprovação da devoção*. 2010, p. 99. Disponível em <<http://dobras.emnuvens.com.br/dobras/article/viewFile/190/189>> Acesso em 03 abril de 2016.

COROBIM, Antonio Luiz. *Uma Análise dos Usos e Costumes adotados pela Convenção Geral das Assembléias de Deus no Brasil – CGADB*. Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Bacharel em Teologia da Faculdade Teológica Batista de São Paulo. 2008.

DEL PRIORE, Mary. Emancipação feminina: será que realmente mudamos? 2014. Disponível em <<http://historiahoje.com/emancipacao-feminina-sera-que-realmente-mudamos/>> Acesso em 05 out. de 2016.

DI FLORA, Marilene Cabello. *Relações de Gênero sob a ótica da Matriz dos Significados Dominantes de Pierre Bourdieu*. Mimesis, Bauru, v. 32, n. 2, p. 103-114, 2010.

DINIZ, Patrícia. *Mulher*: a alma feminina espalha seu charme pelo universo virtual. In: Guia da Internet. n. 22, Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.

FLOR, Gisele. Beleza feminina, Mídia e Religião. *Acta Científica*, Engenheiro Coelho - SP, Ano 10, v. 20, n. 1, p. 78-87, jan/abril 2011.

FONSECA, André Dione; FARIAS, Marcilene Nascimento de. Relações de Gênero e Cultura Religiosa: um estudo comparado sobre a atuação feminina na Igreja Evangélica Luterana do Brasil e Assembléia De Deus. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, 4-1: 6-41, 2010.

GAARDER. Jostein. *O mundo de Sofia: romance da história da filosofia*. Tradução de João Azenha Jr. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

GOELLNER, Silvana Vilodre; GUIMARÃES, Aline Rodrigues; MACEDO, Christiane Garcia. *Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais: reflexões a partir de uma experiência em sala de aula*. In: *Corpos, gêneros, sexualidades e relações étnico-raciais na educação [recurso eletrônico] / Fabiane Ferreira da Silva, Elena Maria Billig Mello (orgs.)*. – Uruguaiana, RS: UNIPAMPA, 2011, p. 15-16.

MARIANO, Ricardo. *Neopentecostais: sociologia do novo pentecostalismo no Brasil*. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MAROUN, Kalya; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na Pós-modernidade. *Psicologia em Revista*, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p.

171-186, dez. 2008. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/per/v14n2/v14n2a11.pdf> Acesso em 01 setembro de 2016.

MARQUES, Clóvis Paes. A crise do corpo na sociedade contemporânea: uma reflexão à luz da filosofia e da bioética. *Revista - Centro Universitário São Camilo*. 2012; 6(4):416-421. Disponível em <http://www.saocamilo-sp.br/pdf/bioethikos/98/06.pdf> Acesso em 01 setembro de 2016.

OLIVEIRA, Rok Sônia Naiária de. *A indumentária e os usos e costumes defendidos pela Igreja Assembleia de Deus (1975- 1999)*. XXVII – Simpósio Nacional de História – Conhecimento histórico e diálogo social. Natal/RN. 22 a 26 de julho de 2013.

PARISOLI, Maria Michela Marzono. *Pensar o corpo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

QUEIROZ, R. da S.; OTTA, Ema. *O corpo do brasileiro: estudos de estética e beleza*. São Paulo: Senac, 2000.

RIGONI, Ana Carolina Capellini; PRODÓCIMO, Elaine. Corpo e Religião: marcas da educação evangélica no corpo. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 1, p. 227-243, jan./mar. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v35n1/a17v35n1.pdf> Acesso em 01 out. de 2016.

RIGONI, Ana Carolina. *Refletindo sobre as influências religiosas que marcaram o corpo feminino*. Anais do IV Congresso Sul brasileiro de Ciências do Esporte. Faxinal do Céu –PR. 19, 20 e 21 de setembro de 2008.

RIZZUTI, Elaine. *Mulheres Pentecostais, Atividades Físico-Esportivas: Abordagens Iniciais Exploratórias*. Ciência e Compromisso Social. Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte. Porto Alegre, 11 a 16 de setembro de 2011.

RODRIGUES, Cátia Cilene Lima; PINHEIRO, Rayane Rafaelle. *A doutrina pentecostal e a prática de atividades físicas*. Instituto Presbiteriano Mackenzie. Universidade Presbiteriana Mackenzie. 2012. Disponível em

<[http://www.mackenzie.com.br/est\\_3congresso\\_grupos2.html](http://www.mackenzie.com.br/est_3congresso_grupos2.html)>  
Acesso em 27 agosto de 2016.

RODRIGUES, Renato Gonçalves. *O Corpo na História e o Corpo na Igreja hoje*. IV Seminário Nacional Corpo e Cultura. III Fórum Nacional Corpo e Cultura. 2013. Disponível em <<http://congressos.cbce.org.br/index.php/4sncc/2013/paper/viewFile/4971/2970>> Acesso em 01 setembro de 2016.

SOUZA, Karina Carvalho Veras de. *O feminino na estética do corpo: uma leitura psicanalista*. Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica. Universidade Católica de Pernambuco, Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós Graduação, Recife, 2007.

WOLF, Naomi. *O Mito da Beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*. Trad. Waldéa Barcellos. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.